ISSN 2357-9854 | e-ISSN 2596-3198 (online)

O ensino de Artes como território de possibilidades: estratégias insurgentes voltadas à dimensão do afeto e ao pensamento decolonial

Selma Machado Simão
(Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)

Amanda Mattos Neves
(Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)

RESUMO – O ensino de Artes como território de possibilidades: estratégias insurgentes voltadas à dimensão do afeto e ao pensamento decolonial – Esta pesquisa busca articular a dimensão sensível/afetiva e o pensamento decolonial, a fim de desenvolver estudos e práticas para o ensino de artes no contexto básico e público, visto como um território fértil para a criação de estratégias insurgentes a processos educacionais que reforçam a lógica da colonialidade. Dessa maneira, visa a investigação de ferramentas para uma educação libertadora, passíveis de incluir o meio social e o âmbito subjetivo existente nas relações interpessoais, além de possibilidades educativas autorreflexivas, sob o olhar de uma a/r/tógrafa, o qual inclui o olhar integrado do pesquisador, do educador e do artista.
PALAVRAS-CHAVE
Artes Visuais. Ensino de Artes. Decolonialidade. A/r/tografia. Processos criativos.

ABSTRACT – Art Education as a territory of possibilities: insurgent strategies aimed at the affect dimension and decolonial thinking – This research seeks to articulate the sensitive/affective dimension and decolonial thinking to develop studies and practices for Art Education in the elementary and public context, which is seen as a fertile territory for the creation of insurgent strategies in spite of the logic of coloniality, present in educational processes. Therefore, on behalf of a liberating education, the project seeks to explore pedagogic tools capable of including both the social and subjective contexts that exist among interpersonal relations, in addition to self-reflexive educational possibilities, under the perspective of a/r/tography, which integrates the perceptions of the researcher, the teacher and the artist.
KEYWORDS
Visual Arts. Art Education. Decoloniality. A/r/tography. Creative process.

RESUMEN – La Educación Artística como territorio de posibilidades: estrategias insurgentes dirigidas a la dimensión del afecto y el pensamiento decolonial – Esta investigación busca articular la dimensión sensible/afectiva y el pensamiento decolonial, con el fin de desarrollar estudios y prácticas para la Educación Artística en los niveles básico y contexto público, visto como un territorio fértil para la creación de estrategias insurgentes para procesos educativos que refuercen la lógica de la colonialidad. De esta manera, se pretende investigar herramientas para una educación liberadora, capaz de incluir el entorno social y el ámbito subjetivo existente en las relaciones interpersonales, además de posibilidades educativas autorreflexivas, desde la perspectiva de un a/r/tógrafo, que incluye la integración de la mirada del investigador, el educador y el artista.
PALABRAS CLAVE
Artes visuales. Educación Artística. Descolonialidad. A/r/tografía. Procesos creativos.

Introdução

Filósofos atuais como Yuval Harari (2015), Mario Sérgio Cortella (2014) e Clóvis de Barros Filho (2012), entre muitos outros, estão aprimorando os discursos sobre uma postura ética desejável do ser humano, mediante os direcionamentos que a pós-modernidade tem desenvolvido. Muitos destes postulados, atualizam reflexões apontadas por Edgar Morin (2000) que na virada do milênio, apontou para as responsabilidades do cidadão terreno. Este agente que é ativo no mundo que o cerca e concebe o planeta como sua pátria, sem fronteiras e divisões, buscando uma atuação integrada com a preservação e manutenção da natureza, além do respeito às concepções divergentes das suas e vindas de diferentes culturas.

No Brasil, o processo de colonização enalteceu a perspectiva eurocêntrica e promoveu uma estratégia sistemática de desqualificação, silenciamento e invisibilização dos saberes tradicionais de diferentes povos aqui existentes. Porém, nas últimas décadas, houve um aumento do reconhecimento da influência que esse pensamento provocou, além de sua ação discriminatória. No campo acadêmico e científico, através das pesquisas, atividades de ensino e de extensão, sendo estas últimas, intercambistas e atuantes com as diversas comunidades, este fenômeno tem originado uma procura por abordagens e conhecimentos mais plurais, integradores e inclusivos. Concomitantemente, nos tempos atuais e a partir dessa mudança de paradigma, temos desenvolvido uma compreensão mais amplificada e humana sobre nossa história e sobre a cultura global, na qual são consideradas as diversificadas manifestações científicas, artísticas e culturais que antes eram ignoradas.

Dentro da perspectiva decolonial que vai na contramão da exclusividade da influência predominantemente branca, masculina e eurocentrista, tendo em vista esta atualização dos sistemas educacionais no país, visamos a importância da inserção de outras referências epistemológicas e culturais que possam estar envolvidas nas pesquisas, na formação de educadores e nas atividades extensionistas. Voltamos

nossos interesses para a ampliação e para o enriquecimento do repertório multicultural de pesquisadores, estudantes e educadores.

Tratando das poéticas artísticas e do ensino de artes, este ideário se alia ao imaginário e às potencialidades das diferentes cosmovisões nos conduzindo a um encontro de mundos que proporciona ricos e instigantes ambientes educativos. Assim, teremos mais elementos para alcançar a tão propagada transdisciplinaridade, a qual se presume que unifique diversos campos de conhecimentos, expandindo-os para além dos muros das escolas e universidades. Ao atingir as manifestações culturais e artísticas dos bairros, de suas comunidades e regiões, possibilitando a troca e ressignificação de saberes, tornamos a proposta transdisciplinar muito mais exequível e profícua. Assim como nos coloca Lilian Pacheco: "toda ciência gira como uma espiral em volta da identidade, para formá-la, regional, planetária e universal, como cultura que expressa a vida, como vida que expressa a cultura" (Pacheco, 2015, p. 87).

Além disso, temos as orientações propostas nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação nº 10639 (2003) e nº 11.645 (2008), as quais versam sobre a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos originários nas unidades escolares brasileiras. Na esteira da produção científica e artística nacional, nos voltamos para diversidade étnico-cultural, para os saberes ancestrais, para a tradição oral e muitos outros aspectos que antes eram delegados a um patamar subalterno. Fomentamos nos contextos educacionais vários fatores, os quais…

> […] podemos citar: o acesso aos conhecimentos da cultura popular, indígena e afrodescendente e a arte produzida por esses grupos; as pesquisas voltadas à reconstrução das memórias e difusão cultural e artística das produções dos agentes envolvidos no processo educacional; as potências interculturais alcançadas a partir de iniciativas direcionadas ao compartilhamento de conhecimentos e experiências em espaços abertos nas universidades, entre outros temas (Simão, 2022, p. 58).

No intuito de disseminar este posicionamento filosófico, cultural e educacional, o presente artigo apresenta uma pesquisa aderente a esse pensamento que propaga uma educação libertária, sensível e transformadora. O estudo voltou-se à articulação da dimensão sensível/afetiva da arte e de seu

ensino, aliada ao pensamento decolonial, a fim de desenvolver estudos e práticas arte/educativas no contexto do ensino básico e público, visto como um território fértil para a criação de estratégias insurgentes a processos educacionais que reforçam a lógica da colonialidade. Uma vez que a arte/educação possui um papel fundamental na construção da identidade cultural e da autoimagem dos sujeitos, ressaltamos a importância de repensar a maneira como é exercida na instituição escolar. Dessa maneira, a pesquisa visa a investigação de ferramentas voltadas para uma educação passível de incluir o meio social e o âmbito subjetivo existente nas relações interpessoais, além de possibilidades educativas autorreflexivas, sob o olhar de uma a/r/tógrafa[1].

A intersecção da teoria decolonial com a valorização do sensível se dá através do desenvolvimento do pensamento pautado pela a/r/tografia, ciente da necessidade de manter uma visão ampla, intercultural e multidimensional, além de atenta aos eventos subliminares de sua prática. Desse modo, foi explorado o potencial da arte/educação de possibilitar práticas insurgentes ao sistema dominante, a fim de contribuir com a construção de uma prática pedagógica libertadora. Ao levarmos em conta que o estudo buscou “nadar contra a corrente” como forma de luta e resistência, atribuímos importância aos entremeios, às intersecções e às nuances escondidas em entrelinhas visíveis, a partir do exercício da escuta sensível e do olhar decolonizador.

Dessa maneira, a fim de constituir uma abordagem hermenêutica e de caráter qualitativo, a metodologia de pesquisa foi construída sobre os seguintes pilares: pesquisa bibliográfica, a princípio centrada nos escritos de Walter Mignolo (2003), bell hooks (2016) e Ivone Richter (2003); pesquisa documental de Carlo Ginzburg (1989); pesquisa empírica do tipo participante (Demo, 2008). Detalharemos abaixo o recorte metodológico escolhido:

1. Pesquisa bibliográfica voltada ao ideário do pensamento decolonial e da pedagogia engajada, além das aplicações destas inserções teóricas e práticas no ensino de artes:

a. As contribuições de Walter Mignolo para a construção das lentes da decolonialidade constituíram as bases principais para o exercício teórico e prático do pensar tanto *a partir* das quanto *para as* margens nas quais estamos inseridos no contexto brasileiro, em uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimento e sobre como mecanismos da colonialidade tornam subalternos os saberes que não se enquadram nos moldes eurocêntricos.

b. A visão do conceito e da prática da pedagogia engajada construída por bell hooks ao longo de sua carreira foi um dos eixos principais para pensar o papel do professor no ambiente escolar, sua relação com os alunos e seu compromisso com uma educação libertadora, que proporcione maneiras de saber que aumentem a capacidade de viver dos envolvidos no processo educativo profunda e plenamente.

c. A pesquisa de Ivone Richter, com sua abordagem baseada no multiculturalismo crítico e nas estéticas do cotidiano para a construção de proposições artístico-pedagógicas, é um modo de se pensar possibilidades de articulação entre aspectos sensíveis/afetivos e uma prática pedagógica engajada no ensino de artes, com objetivo de auxiliar na busca de soluções de problemas de desigualdades raciais e de gênero que vivemos no Brasil. Foi utilizada como referência para se pensar as intersecções entre o pensamento decolonial e a dimensão sensível na construção de práticas de ensino, dentro do contexto de aulas de artes.

2. Pesquisa documental a partir do paradigma indiciário:

Os pequenos detalhes a serem observados nos dados recolhidos, serão analisados a partir do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989, p. 177), que o elucida com diversas asserções explicitando que:

> [...] o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente [...] as pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível [...]. Nessa negação da transparência da realidade, implícita legitimação encontrava o paradigma indiciário de fato operante em atividades muito diferentes [...]. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la (Ginzburg, 1989, p. 177).

Por conseguinte, trata-se de uma ferramenta de investigação compatível com o estudo e com a pesquisa em arte/educação em geral, pois possibilita a valorização de aspectos particulares à área, fundamentais para uma análise de processos e resultados autêntica e bem fundamentada.

3. Pesquisa empírica do tipo participante:

A escolha pela pesquisa participante, vem do ensejo de romper com o tradicionalismo das pesquisas científicas (Demo, 2008), e assim, este estudo prevê a integração entre os participantes e a pesquisadora, promovendo um diálogo horizontal entre eles.

Percebemos que muitas vezes as pesquisas se dão em realidades desiguais e, portanto, necessitam de instrumentos que “conversem” com os interesses dos envolvidos, os quais muitas vezes são tratados de formas discriminatórias. Além, do que a pesquisa sob esta perspectiva “determina um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir” (Brandão, 1985, p. 12).

Para Lindamar Alves Faerman “[...] a produção do conhecimento na pesquisa participante não se faz de modo isolado do sujeito, mas em presença e implica num compromisso efetivo com suas vivências e necessidades sociais cotidianas” (Faerman, 2014, p. 44). Portanto, tal abordagem é fundamental para a manutenção da integridade ética do desenvolvimento do estudo, por dialogar com os princípios essenciais de sua fundamentação teórica, norteados pela pedagogia engajada.

Na pesquisa foi desenvolvida uma intervenção artístico-pedagógica com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Francisco Silva, Campinas-SP que se desenvolveu através de uma abordagem hermenêutica e de caráter qualitativo. Os instrumentos metodológicos enfocaram a dimensão sensível/afetiva e os processos de análises desenvolveram olhares tanto teóricos, quanto proporcionados pela experiência do artista/educador/pesquisador ou a/r/tografo, o qual está sempre embasada pela proficuidade de experiências que valorizam o entorno e as vivências significativas dos alunos. A dimensão sensível/afetiva será interpretada através de Audre Lorde (2007) e Anzaldúa (2000).

A pesquisa foi contemplada pela Bolsa de Iniciação Científica concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - período entre 11 de março de 2023 e 29 de setembro de 2023. Assim, este texto pretende expor as processualidades e resultados da pesquisa obtidos durante seu período de vigência, como modo de registrar a pesquisa feita também em níveis de graduação.

A seguir, serão pontuados os principais conceitos estudados e desenvolvidos na pesquisa e será relatada a intervenção pedagógica realizada na escola pública municipal da cidade de Campinas, anteriormente citada. Finalmente, serão tecidas algumas análises e considerações finais sobre os dados recolhidos e sobre o desenvolvimento dos processos e procedimentos da pesquisa.

Decolonialidade e sensibilidade: uma relação simbiótica na criação artística das margens

Com o intuito de realizar uma análise pertinente às dinâmicas culturais, as quais estamos inseridos, é necessário destacar a forma como esferas do trabalho, conhecimento, autoridade e relações intersubjetivas se articulam através do sistema capitalista, da ideia de raça e de gênero. Assim, nomear a colonialidade enquanto lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada, como afirma Walter Mignolo

(2016), constitui o primeiro passo para o plantio de desobediências epistêmicas à norma violentamente estabelecida.

O cultivo do pensamento decolonial é um exercício constante e, principalmente, autocrítico. Apesar da emergência do coletivo Modernidade/Colonialidade ter revolucionado abordagens acadêmicas destinadas a contextos latino-americanos (Ballestrin, 2013), é importante lembrar que seu berço - a própria Universidade - compartilha o seu enraizamento na colonialidade do poder com as demais instituições que regem o mundo contemporâneo. Ou seja, está inserida no contexto da persistência, apesar de adaptada aos desdobramentos do sistema capitalista, das dinâmicas colonialistas em dimensões do poder, saber e ser, que atravessam por inteiro os indivíduos e a coletividade na qual se inserem.

Dessa forma, é a partir do reconhecimento da amplitude das ferramentas de dominação às quais estamos submetidos que conseguiremos subvertê-las e transformá-las.

> *Pois as ferramentas do senhor nunca derrubaram a casa-grande*. Elas podem possibilitar que os vençamos em seu jogo durante certo tempo, mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica. E isso só é ameaçador para as mulheres que ainda consideram a casa-grande como sua única fonte de apoio (Lorde, 2007, p. 137).

Não obstante, a perspectiva decolonial é aquela que visa, de fato, questionar e mudar as estruturas hegemônicas a partir de saberes insurgentes, produzidos pelos grupos marginalizados pela matriz colonial do poder. Ela adquire sentido somente desde e com as lutas contra a colonialidade, junto aos movimentos políticos e sociais de mais de 500 anos caracterizados como pensar/ser/fazer/sentir de forma distinta à práxis e a retórica da modernidade (Candau, 2020). Assim, Mignolo (2019) descreve sucintamente a relação entre saberes acadêmicos e a construção de um futuro decolonial:

> Nós, estudiosos e pensadores descoloniais, podemos contribuir não ao relatar para os estudiosos, intelectuais e líderes indígenas qual é o problema, porque eles o conhecem melhor que nós, mas ao agir no domínio hegemônico da academia, onde a ideia de natureza como algo

> fora dos seres humanos foi consolidada e persiste. Descolonizar o conhecimento consiste exatamente nesse tipo de pesquisa. O próximo passo seria construir opções descoloniais nas ruínas do conhecimento imperial (Mignolo, 2019, p. 06).

A diferença colonial é uma criação da retórica da modernidade, que, ao criar hierarquias estéticas, epistêmicas e linguísticas, dividiu o mundo entre civilizados e primitivos sob o preceito humanista/universalista. Diante disso, um conceito fundamental para a construção argumentativa de Mignolo (2006) é o *border thinking,* traduzido para o português como pensamento limiar ou fronteiriço. Trata-se da "epistemologia da exterioridade", uma reação à pretensão salvadora e civilizatória do mundo ocidental perante o outro.

Ao negar a neutralidade atribuída ao observador pela tradição europeia, o exercício do pensamento de fronteira faz necessária a articulação de um novo conceito, o da geopolítica do corpo. Trata-se do reconhecimento do caráter político carregado por diferentes corpos, *corpas* ou *corpes*, atravessados por questões territoriais, de gênero, raça e classe. Reconhecer-se fronteiriço significa, também, entender a vivência integral do corpo, tanto seu caráter físico quanto suas reverberações invisíveis aos olhos, pertencentes aos afetos e sensibilidades.

Nesse sentido, transcende-se a fronteira geográfica, de forma a construir um lugar atravessado por subjetividade e experiência. Este lugar simbólico, no qual o cultural, o pessoal e o político interseccionam-se de maneira indissociável, está presente na obra de Anzaldúa (2015) sob a nomenclatura *neplanta.* Tal termo origina-se do *náuatle*, matriz idiomática de povos originários presentes na região central do México na atualidade, berço da autora, e pode ser traduzida como um "não-lugar", uma lacuna ou brecha.

Trata-se do *gap in between*, a fronteira onde limites entre os aspectos real e onírico são turvos, sobrepostos e torcidos entre si. É um lugar linguístico, de gênero, sexual, histórico, político, social, imaginário e dolorosamente real. Algo que não pode ser tocado, mas é quase físico dentro de nós mesmos, presente a todo momento.

Assim, sentir e viver sob a perspectiva decolonial torna-se possível no reconhecimento dos conflitos carregados pela geopolítica do corpo ao experienciarmos o mundo. Aquilo que é físico e palpável interconecta-se com a experiência vivida e sentida.

Na construção de seu próprio sistema simbólico por meio do resgate dos componentes de sua identidade chicana, a autora busca novos parâmetros epistemológicos, reconhecendo a extensão que feridas coloniais ocupam na subjetividade do indivíduo e que é justamente no destrinchamento delas que encontraremos respostas. Portanto, a prática da autoetnografia e a expressão intelectual e poética tornam-se a manifestação decolonial da cura.

Em convergência com tal premissa, o dizer “Sinto, logo posso ser livre” de Audre Lorde (2007, p. 48) ressignifica a máxima iluminista “Penso, logo existo”, subvertendo a Razão Humanista presente na lógica colonial. Na perspectiva da autora, a poesia - neste estudo, aproximada do fazer artístico em sua capacidade de traduzir questões subjetivas para um meio material com fins estéticos e comunicativos - é um meio de expressar e registrar o anseio de insurgência a uma estrutura definida por lucro, relações de poder unilaterais e desumanização institucional.

A verbalização de traumas, anseios e desejos é também apontada por Anzaldúa (2000) como uma estratégia de luta contra a invisibilização do corpo dissidente. Em sua "Carta aberta para as mulheres do terceiro mundo", afirma:

> Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Com base nessa confluência de discursos, é possível entender a criação artística como ferramenta de construção do pensamento crítico, a fim da criação de práticas de cicatrização. A capacidade inerente da criação de interligar mente e corpo no fazer pode ser entendida como um meio de acesso às contradições da *neplanta.* Dessa forma, a esfera sensível, referente à subjetividade e imaginário dos sujeitos, torna-se parte integral da busca pela reexistência e da afirmação da vivência fronteiriça enquanto potência.

O contexto brasileiro da arte contemporânea é especialmente fértil para desdobramentos estético-políticos relacionados ao giro decolonial, de acordo com as pesquisas de Michelle Sales (2021), observadora de movimentações a fim da decolonização da arte no espaço ibero-americano. Segundo a autora, a crescente abordagem de discussões em torno do legado colonial, da memória do colonialismo e das consequências da escravidão em trabalhos poético-visuais é consequência de um atravessamento geracional incontornável de artistas que transformam a própria vida como objeto de criação estética. Em consequência, o corpo é a principal epiderme de trabalho, local e veículo onde se registram e operam memórias e traumas.

Ao discorrer sobre *Notícias da América*[2], de Paulo Nazareth, a autora aborda a trama complexa que encobre as consequências da escravatura no Brasil, atravessando as nuances da mestiçagem em um sistema entrelaçado a mitos da democracia racial, tendo como ponto de partida a narrativa autobiográfica do artista. Ao percorrer o trajeto de Minas Gerais até os Estados Unidos a pé, documentando sua experiência de modo a reinventar a performance artística e fazer da vivência a obra, o artista articula o percurso com sua memória afetivo-familiar, reescrevendo narrativas acerca da América Latina. Através de sua produção é possível inferir que a descolonização da arte e do pensamento está associada à disputa pelo direito de autorrepresentação, de auto apresentação e de criação de narrativas e imagens não coloniais ou completamente fora do imaginário e da cosmovisão euro-centrada.

Rosana Paulino é outro nome de extrema importância para pensar as reconfigurações da cena artística contemporânea brasileira. Em seu trabalho, apropria-se de determinados documentos, tais como fotografias de mulheres escravizadas datadas dos anos 1800, intervindo sobre eles com costuras - ou suturas cirúrgicas, como a própria artista descreve. Busca tornar visível violências e estigmas sofridos pela população negra brasileira, especialmente mulheres negras, decorrentes das feridas profundas deixadas pela escravidão, um dos principais alicerces da dominação colonial. Em entrevista concedida a docentes da Universidade Estadual de Campinas em 2017, comenta que ligar histórias de pessoas, principalmente mulheres que não são valorizadas, é um modo de sobreviver em um meio que nos tira a humanidade. Paulino evoca imagens iconográficas, arraigadas no imaginário coletivo, com fim de subverter narrativas de poder.

Falando de (auto)representação do corpo negro, apropriação e subversão de símbolos e reescrita de narrativas por meio do artivismo[3], é interessante destacar o trabalho de Maxwell Alexandre. Suas pinturas partem do seu cotidiano na cidade e na favela da Rocinha. Em sua série “Pardo é papel”, título também da primeira mostra individual do artista no Brasil, há um questionamento acerca de processos de apagamento racial. Pintar corpos negros sobre a superfície do papel pardo carrega um ato político e conceitual, uma vez que a “cor” parda foi usada durante muito tempo para velar a negritude[4].

A cor é elemento central em suas pinturas. Além da contraposição à cor “parda” refletida na pele retinta de suas personagens, inquestionavelmente negros, o azul assume uma presença ambígua: ora presente em elementos da publicidade e das instituições normatizadoras, como a polícia civil e a escola pública, outra na padronagem de piscinas de plástico muito utilizadas para o lazer nas casas do subúrbio e comunidades, também são vistas com frequência em igrejas evangélicas, para o batismo dos fiéis. Nesse jogo entre corpos imersos em seu cotidiano, é possível vislumbrar um antídoto de consciência e uma reflexividade de cura aos traumas coloniais que marcam os pretos e pardos (Campos; Pereira; 2021).

Por conseguinte, vislumbrando o trabalho destes artistas - e de muitos outros, cada vez mais evidentes no contexto brasileiro e internacional - podemos entender a criação artística como ferramenta de luta. O exercício da criação artística é um mergulho na subjetividade, uma investigação sobre como nosso íntimo é atravessado pelo cotidiano e, portanto, é uma forma de acesso à *neplanta*. Acessar a *neplanta* é, também, entrar em contato direto com a dimensão sensível/afetiva. Ao tocarmos as feridas abertas deixadas pela colonialidade, ao tratarmos delas com suturas, com a reescrita de imagens e histórias, configuramos também uma desobediência epistêmica e poética (Kilomba, 2021). A colonialidade nega a humanidade àquele dissidente da norma. Contudo, a tomada da própria narrativa possibilitada pela criação artística é um modo de afirmar-se sujeito de ação, bem como outros modos de ser e estar no mundo.

"Éramos cinza e agora somos o fogo": processualidades de uma intervenção pedagógica

Diante da conjuntura apresentada, o que faz atualmente o ensino de Artes na educação básica? A narrativa construída nas Artes Visuais no Brasil, como um reflexo da sociedade que a produz, caracteriza um retrato narcísico das classes dominantes, ilustradas pelo homem branco heterossexual em seu ápice (Felinto, 2016). Ao ser difundida nas escolas, ela faz persistir a invisibilização de grupos marginalizados, aprofundando suas raízes no imaginário social, na medida em que as aulas de artes representam um elemento fundamental na construção da identidade cultural e da autoimagem dos sujeitos (Pauletti, 2020). Como apreciado nas escritoras e artistas plásticos apresentados, a expressão artística é uma ferramenta para se repensar e reescrever a identidade, um exercício imprescindível no cultivo de uma pedagogia decolonial.

Destaca-se o emprego do artigo indefinido ao se tratar de "uma pedagogia decolonial", pois este estudo não propõe o estabelecimento de um método, uma nova fórmula de ensino para substituir os meios criticados. O pensamento

decolonial é, sobretudo, um convite à pluriversalidade das ideias a partir de epistemologias diversas. Ademais, não se pretende descartar o legado intelectual ocidental, mas sim repensar os eixos sobre os quais foi construído. Nesse sentido, a intervenção pedagógica realizada com alunos do 5º ano da EMEF Padre Francisco Silva, Campinas-SP, constituiu uma forma empírica de experimentar os possíveis desdobramentos da teoria estudada dentro do contexto da sala de aula.

A intervenção pedagógica arte/educativa objetivou o desenvolvimento de três propostas artísticas educativas, embasadas nos conceitos teóricos e práticos citados anteriormente, em parceria com a professora Daniele Camila Pinto (EMEFEI Padre Francisco Silva, Campinas - SP), a qual cedeu seu tempo pedagógico para a intervenção e atuou apoiando as ações durante o processo, sem intervir diretamente. Daniele se dispôs a trocar impressões e interagir com as crianças durante e deixou o seguinte comentário: *"As crianças puderam expor e demonstrar seus pensamentos, sentimentos, críticas e opiniões, sendo um momento feliz e ao mesmo tempo desafiador, porque eles precisavam trabalhar juntos (em grupos) em uma única folha enorme de papel pardo, aprendendo a trabalhar em coletivo, respeitar os espaços e opiniões dos demais e a dialogar para decidirem o que realmente era importante que aparecesse nesta obra. Adorei fazer parte desta construção de conhecimento/aprendizagem que vai além de um simples desenho, é uma construção da criança como um todo e com o espaço de onde vive e está".*

Este intercâmbio colaborativo enriquece o ideário das vertentes da pesquisa, pois os profissionais que atuam nas escolas, além de seu arcabouço conceitual, têm saberes especiais importantes voltados à prática

> Possibilitar ao grupo o ato de compartilhar ideias, sentimentos, contentamentos, frustrações, além de seus próprios limites, permite que se configure uma maneira construtiva de interagir e equilibrar as características metodológicas [...] (Simão, 2014, p. 361).

Os registros de tal ação se desdobraram por meio de fotografias e coletas de depoimentos e impressões da professora responsável pela sala e dos alunos,

por meio de fotografias dos trabalhos produzidos em sala de aula e, pensando na abordagem a/r/tográfica, foi produzido um caderno de anotações/livro no formato que comumente os artistas utilizam durante a aplicação de suas propostas. Este registro poético realizado pela pesquisadora foi utilizado para a análise final e, também, como uma produção autônoma que compõe seu próprio campo artístico.

As análises sobre os dados recolhidos, como citado anteriormente, foram de cunho qualitativo e estiveram voltadas a aspectos da docência em artes buscando informações, conhecimentos e considerações que podem ser úteis aos professores do ensino básico.

Os critérios para inclusão dos participantes na pesquisa, de acordo com a metodologia apresentada, incluem a participação da professora de Artes (Daniele Camila Pinto), além da interação dos alunos da EMEF Padre Francisco Silva nos encontros propostos pela pesquisa. Estes critérios serão essenciais para a participação na pesquisa, excluindo-se participantes que não estejam dentro desta proposta.

Para a construção da ação, partiu-se também do entendimento da arte tanto como produto estético/cultural quanto instrumento de fala política (Felinto, 2016), o qual pode ser apropriado pelos alunos como forma de instrumentalização do pensamento crítico. Ao entendermos a criação artística - seja visual ou escrita - como uma forma de acesso à neplanta (Anzaldúa, 2020), ela torna-se uma ferramenta de transgressão. Nesse sentido, a partir do reconhecimento da potência de denúncia e cura no fazer artístico, inclusive no realizado em práticas pedagógicas, é possível conceber uma prática que pode levar à cicatrização de feridas coloniais que persistem abertas.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Francisco Silva está localizada na Vila Castelo Branco, uma região associada à expansão industrial campineira, no qual operários foram expulsos de regiões centrais da cidade, afastados para as periferias. Há um forte senso de comunidade no bairro, da qual a escola em questão é um importante pilar. Agrega alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

I, pertencentes a camadas populares da população. A escola busca realizar um trabalho de desenvolvimento integral do sujeito e educação para a cidadania, trabalhando com eixos temáticos trimestrais. À época em que estive presente na escola, a temática das Culturas Urbanas foi a escolhida, de modo que foram abordados assuntos da cultura hip-hop e estética do grafite nas aulas de Artes. Dado este contexto, trazer a obra de Maxwell Alexandre para compor a intervenção pedagógica foi uma maneira de traçar diálogos entre o cotidiano dos alunos e a esfera da arte contemporânea em um contexto e pensamento de fronteira (Mignolo, 2020).

Para bell hooks (2003), uma educação transgressora deve ser pautada na experiência do aprendizado como revolução. Trata-se da apropriação de um espaço regido por uma lógica colonial, pautada em hierarquizações estéticas e epistêmicas, a fim de sua subversão. Maxwell Alexandre é um artista jovem, vivo, cria da favela da Rocinha, uma das maiores da América Latina, e sua obra tem tom agridoce. Em suas pinturas monumentais sobre papel pardo, êxtases e dores coexistem, transparecendo um universo vulnerável e real. Assim, evocar sua obra dentro da sala de aula, em um contexto de proposição artístico-pedagógica, foi um modo de exercitar formas de acesso à neplanta (Anzaldúa, 2015) através de um incentivo oferecido aos alunos para mergulhar no imaginário do artista. Através do desenho e da pintura, as crianças experienciaram uma proposta lúdica e integrativa com o repertório que adquiriram.

> [...] enquanto desenha, a criança vai formulando frases mentais extraídas de sua memória, explorando o espaço compositivo aleatoriamente em uma espécie de devaneio e comunicando aspectos essenciais dos objetos com sua expressão (Simão, 2014, p. 180).

Nesse sentido, o trabalho de Alexandre foi disparador para uma proposição voltada a temáticas de identidade e retomada de autonarrativas, desenvolvida com turmas de 5º ano do Ensino Fundamental I.

> Não obstante às vivências experienciadas pelas crianças em seus processos de criação por meio de estímulos direcionados naturalmente, elas precisam ter a chance de refletir sobre seus próprios desenhos ou pinturas, apreciá-los e comentá-los (Simão, 2014, p. 184).

A utilização da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2014) mostrou que se trata de uma ferramenta didática extremamente versátil, na medida em que possibilita diferentes proposições alicerçadas nos eixos fruição-contextualização-criação. A pintura intitulada “éramos cinza e agora somos o fogo" foi a imagem central da intervenção.

Trata-se de uma pintura emblemática, na qual a presença de símbolos marcantes traça narrativas plurais para as personagens representadas. Crianças trajadas com uniforme escolar, adultos com beca de formatura, figuras associadas à estética do rap e a religiões de matriz africana convivem em uma paisagem demarcada pelo icônico Museu de Arte Assis Chateaubriand (MASP) arquitetado por Lina Bo Bardi, Casarões incendiados e um céu preenchido com padronagens de piscina de plástico. Todos estes elementos foram notados pelos alunos, com o maior contraste apontado entre os futuros possíveis representados e a forte violência pintada no canto inferior esquerdo, que retrata uma cena de afogamento.

Figura 1 – “Éramos cinza e agora somos o fogo”, Maxwell Alexandre. Imagem disponível no catálogo da exposição “Pardo é Papel” (2020)

Fonte: Disponibilizado pelo Museu de Arte do Rio (MAR).

Ao longo desta ação, a jovem pesquisadora assumiu o papel de mediadora, aproximando-se de uma educadora museal. Seu objetivo foi atuar como uma ponte entre as potencialidades tanto dos alunos quanto do trabalho de Alexandre. Portanto, conduziu o debate fazendo mais perguntas do que oferecendo respostas prontas, baseadas em suas impressões pessoais sobre a obra analisada e, conforme o desenrolar do debate, contextualizou os alunos sobre a vida do artista. Ainda de acordo com hooks (2006), o professor que se coloca como "detentor de todo conhecimento" cria barreiras hierárquicas entre si e os alunos, distanciando-se da posição de "professor-curador" defendido pela autora, que parte de um olhar integrado entre mente, corpo e espírito.

O professor-curador pode ser entendido como um possível caminho para a construção de estratégias decoloniais para o ensino, especialmente o de artes. Olhar para além do intelecto significa acessar pontos do sensível, o que pode ser feito por meio da criação artística. A partir dos estímulos da conversa, em uma aula seguinte, o grupo foi convidado a realizar pinturas coletivas com tinta guache sobre papel pardo, pensando nos elementos principais de suas trajetórias, a fim de eternizá-los, marcando sua passagem pelo mundo.

A apreciação artística é marcada pelo reconhecimento de si no outro, pela identificação de dores em comum, as quais tentam dar sentido ao mundo que nos cerca. Nesse sentido, a ponte construída entre o artista e os alunos foi uma maneira de incentivá-los a mergulharem, também, em seus atravessamentos e refletirem sobre suas trajetórias. As pinturas coletivas realizadas evocaram elementos diversos, desde personagens de desenhos animados, quadras de futebol, paisagens familiares como "o sítio da avó", até a representação de uma bombinha de asma, criando uma rede imagética que configura atravessamentos diversos de cada aluno.

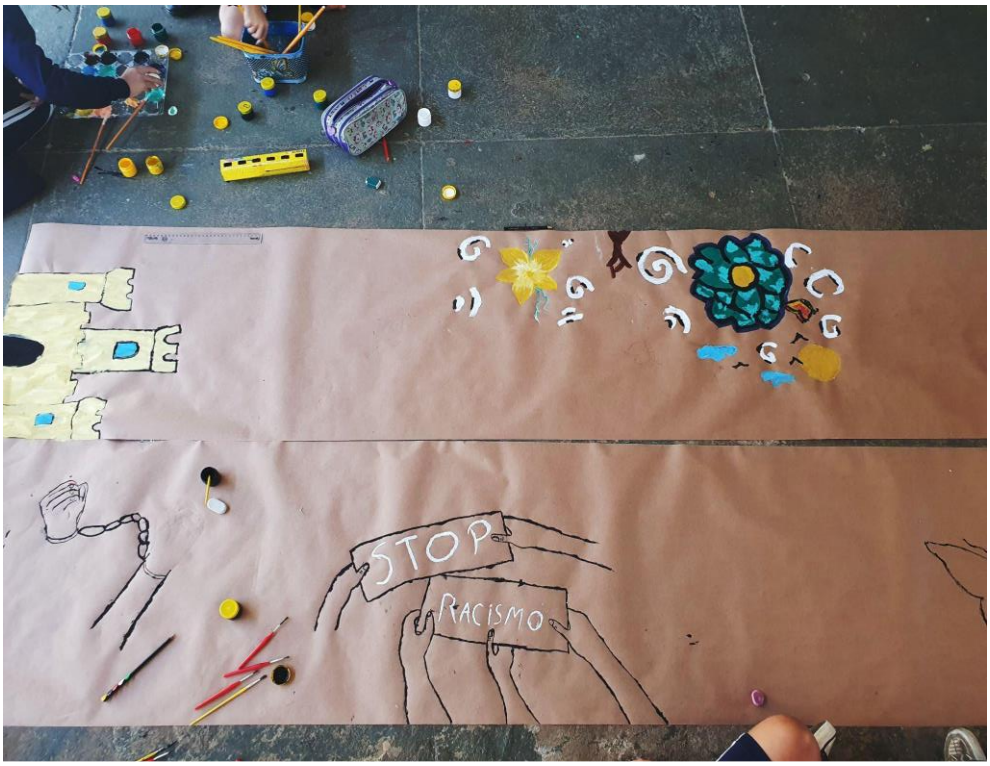
Figura 2 – Processualidades da intervenção pedagógica

Fonte: Registro pessoal da pesquisadora, 2023.

Figura 3 – Processualidades da intervenção pedagógica

Fonte: Registro pessoal da pesquisadora, 2023.

Figura 4 – Processualidades da intervenção pedagógica



Fonte: Registro pessoal da pesquisadora, 2023.

Figura 5 – Processualidades da intervenção pedagógica

Fonte: registro pessoal da pesquisadora, 2023.

A realização de tal ação foi um modo de experimentar com ideias provenientes da perspectiva decolonial, aliadas a metodologias de ensino de artes. Tratou-se de uma investigação frutífera, que impactou todas as partes envolvidas positivamente, alunos, professora colaboradora e jovem pesquisadora. Sair pela tangente dos moldes estabelecidos pelas estruturas de ensino tradicionais é um modo de romper com ciclos associados à perpetuação de violências epistemológicas sistêmicas arraigadas na colonialidade. Dessa maneira, a experimentação empírica resultante deste estudo constitui um vislumbre das possibilidades múltiplas do pensar-sentir-agir decolonial. Entender a criação artística que acontece dentro das salas de aula como um processo intrinsecamente ligado a questões da contemporaneidade, bem como um produto estético que transcende a qualidade decorativa, é um dos caminhos libertários que podemos trilhar nos ambientes arte-educativos.

Recuperando o pensamento de Anzaldúa (2015), a necessidade de criar nasce de um desejo latente de conhecer-se a si mesmo, apoderar-se de sua narrativa e, principalmente, de não se deixar ser silenciado. Nesse sentido, o ensino de arte pode constituir um espaço de desenvolvimento de ferramentas de expressão que nadam contra a corrente do silenciamento, contribuindo ativamente para o ato de “tornar-se sujeito” (Kilomba, 2021). Assim, ao constituirmos a criação artística que ocorre no contexto escolar como instrumentalização do pensamento crítico, fundamentada a partir de referenciais contra-hegemônicos como a esfera subjetiva e sensível, contribuímos para o processo de emancipação e abrimos caminhos para outras experimentações sob uma perspectiva decolonial.

Considerações finais

Esta proposta educacional comprovou que é possível inserir práticas arte/educativas em espaços escolares públicos, mesmo com todas as dificuldades e condicionantes limítrofes que se referem às condições materiais apresentadas comumente nas unidades. Pautadas na concepção de formas de experimentação

fluidas e em constante transformação, lançamo-nos à coragem de propor a mudança de paradigmas tradicionais escolarizantes. Percebemos que este acontecimento oportuniza o nascimento de expressões espontâneas e variadas vindas de culturas híbridas, manifestações da arte carregadas de significações. As ações deixam de ser apenas suportes para o cumprimento do currículo criando e solidificando novas territorialidades psíquicas, laços de pertencimento e formações de identidades.

Fruto da contínua atuação colaborativa de profissionais do ensino e pesquisadores envolvidos, esta experiência deflagrou a força e a vitalidade que emerge do trabalho coletivo seriamente intencionado. Esta disposição nos deixa a esperança de que pequenos atos podem fazer a diferença nos processos sensíveis de ensino/aprendizagem das crianças. Por meio da arte, poder sentir o ambiente educativo como elemento integrador da própria formação humana, respeitando cada uma das diversas singularidades raciais, étnicas e de gênero, trata de um objetivo que traz ressignificações positivas, além de propiciar um nexo do aspecto social com o momento histórico atual.

A realização de tal ação foi um modo de experimentar com ideias provenientes da perspectiva decolonial, aliadas a metodologias de ensino de artes. Tratou-se de uma investigação frutífera, que impactou todas as partes envolvidas positivamente, alunos, professora orientadora, professora colaboradora, e jovem pesquisadora. Dessa forma, demonstrou-se que o ensino de artes é um território fértil para a reinvenção de pedagogias e para o cultivo de insurgências pedagógicas, a fim de romper ciclos de dominação. E assim, gradualmente e com perseverança, podemos seguir desconstruindo as estruturas fundantes dos sistemas de dominação no qual estamos inseridos.

Notas

[1] A/r/tografia: conceito cunhado por Rita Irwin (2004) para designar metodologias de pesquisa educacional baseada em arte, nas quais preza-se as intersecções entre *theoria*, *práxis* e *poiesis*, em reação a formas dicotômicas do pensar e valorizando as contribuições da vivência do artista/professor/pesquisador para o âmbito acadêmico.

[2] Exposição individual de Paulo Nazareth, cujas informações constam no seguinte link: https://mendeswooddm.com/pt/exhibition/notcias-de-amrica.

[3] O artivismo delimita o âmbito de ação que parte do individual, passa pelo coletivo e alcança insuspeitados espaços no qual se localiza o outro. Esta prática desloca o cenário da arte e da política para o espaço público.

[4] O texto curatorial acerca da exposição está disponível no site do Museu de Arte do Rio (MAR), no seguinte link: https://museudeartedorio.org.br/publicacoes/pardo-e-papel/.

Referências

ALEXANDRE, Maxwell. *Pardo é Papel*. Organizador: Instituto Inclusartiz. Museu de Arte do Rio, maio de 2020. Disponível em: https://museudeartedorio.org.br/publicacoes/pardo-e-papel/. Acesso em: 20 maio 2023.

ANZALDÚA, Gloria E. Falando em línguas: uma carta para mulheres do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 08, n. 01, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880. Acesso em: 10 ago. 2023.

ANZALDÚA, Glória E. *Light in the dark/Luz en lo oscuro*: Rewriting identity, spirituality, reality. Duke University press, London, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. A importância da imagem no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no ensino de arte*: anos 1980 e novos tempos. Editora Perspectiva, São Paulo, 2014.

BARROS FILHO, Clóvis de. *A vida que vale a pena ser vivida* / Clóvis de Barros Filho, Arthur Meucci. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. Rev. Bras. Ciênc. Polít., 2013 (11), maio 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt#ModalHowcite. Acesso em 20 fev. 2023.

CAMPOS, Marcelo Gustavo L. de; PEREIRA, Juliana Santos. Maxwell Alexandre: as cores estão no mundo. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.5965/24471267712021085. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19831. Acesso em: 09 set. 2023.

CANDAU, Vera M. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. *Revista Espaço do Currículo*, [S. l.], v. 13, n. Especial, p. 678–686, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949. Acesso em: 18 jan. 2022.

CARVALHO, Noel dos Santos; TVARDOVSKAS, Luana Saturnino; FUREGATTI, Sylvia. Entrevista com Rosana Paulino. Resgate: *Revista Interdisciplinar de Cultura*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 149–160, 2018. DOI:10.20396/resgate.v26i2.8651077.

CORTELLA, Mario Sergio. *Educação, escola e docência*: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante*: saber pensar e intervir juntos. Liber livro, 2008.

FAERMAN, Lindamar Alves. A Pesquisa Participante: Suas contribuições no Âmbito das Ciências Sociais. *Revista Ciências Humanas* - UNITAU, Taubaté, v. 7, n. 1, p. 41-56, jan-jun, 2014. Disponível em: https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/viewFile/121/69. Acesso em: 20 ago. de 2023.

FELINTO, Renata. *Não brancos, não héteros, não homens. Não me vejo, mas existo*: a sub-representação das minorias na arte brasileira. Itaú Cultural, 17 de ago. de 2016. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/nao-brancos-nao-heteros-nao-homens-nao-me-vejo-mas-existo-a-sub-representacao-das-minorias-na-arte-brasileira. Acesso em: 20 de mar. de 2022.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

HARARI, Yuval Noah. Sapiens. *Uma breve história da humanidade*. São Paulo: L&PM Editores, 2015.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

IRWIN, Rita I. A/r/t/ografia: uma mestiçagem metonímica. In: R. L. Irwin & A. Cosson (Orgs). *A/r/tografia:* auto-restituição através de um questionamento vivo baseado na arte. Pacific Educational Press, Vancouver, 2004.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Ipsis Gráfica e Editora, São Paulo, 2021.

LORDE, Audre*. Irmã Outsider*: ensaios e conferências. Grupo Autêntica, São Paulo, 2007.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio), Rio de Janeiro – RJ, Brasil, 2016.

MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina V. Theorizing from the borders: Shifting to geo-and body-politics of knowledge. *European journal of social theory*, v. 9, n. 2, p. 205-221, 2006.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

PACHECO, Líllian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. In: PACHECO, Líllian; BATTISTELLA, Roberta Navas; BAIRON, Sérgio (Org). *Dossiê pedagogia Griô*. DIVERSITAS/ FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, n. 3, 2014-2015, p. 22-99.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais.* 2000. 248p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1589698. Acesso em: 23 fev. 2023.

Selma Machado Simão

Possui Graduação em Licenciatura em Educação Artística com Hab. Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1980), Especialização em Arte e Tecnologia pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (2002), Especialização em Expressões Criativas pela Faculdade de Ciências da Saúde (2013), Mestrado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp (2005), Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – FE Unicamp (2012) e Pós-doutorado pela Unesp de Rio Claro com Bolsa PNPD – Capes SP (2015). É professora do Instituto de Artes da Unicamp dos Programas de Graduação e Pós-graduação em Artes Visuais, integrante do Grupo de Pesquisa Propostas Artísticas Contemporâneas do IA da Unicamp e artista visual.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8286-7828

E-mail: selmams@unicamp.br

Currículo: http://lattes.cnpq.br/6227204383079210

Amanda Mattos Neves

Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas/SP.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9542-1216

E-mail: a212554@dac.unicamp.br

Currículo: http://lattes.cnpq.br/5808576543001631

Recebido em 09 de outubro de 2023
Aceito em 28 de dezembro de 2023